

Ritmos que ensinam, Histórias que movem: Intervenção sobre a cultura Hip Hop no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

Ana Alice Heinsfeld Nichele.¹

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se integra à Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem como um dos principais objetivos inserir os acadêmicos do ensino superior no contexto da educação básica brasileira, buscando aperfeiçoar tanto o fazer docente, quanto a qualidade do ensino público e básico. No caso do município de Passo Fundo, os acadêmicos das licenciaturas de Artes Visuais, História e Música se organizaram escolas da cidade, trabalhando em conjunto de forma interdisciplinar, que neste relato de experiência procedeu-se em uma turma do primeiro ano do ensino médio da rede estadual em Artes Integradas, disciplina que tem como um dos principais focos a cultura urbana. Levando tais fatos em consideração, o objetivo do texto é relatar, na visão da bolsista, como se deu a intervenção realizada com centralidade na História e na Dança.

Desenvolvimento

A metodologia utilizada se deu, em primeira instância, na observação da turma e dos conhecimentos que seriam abordados na disciplina de Artes Integradas. Após isso, foram selecionadas as temáticas que os bolsistas das licenciaturas de História, Música e Artes Visuais trabalhariam com os estudantes do primeiro ano do ensino médio, fazendo um levantamento das referências que seriam utilizadas para a explicação e a aplicação dos conhecimentos, além de organizar as ideias no planejamento da disciplina atendendo às exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e ao Referencial Curricular Gaúcho (RCG).

¹ Graduanda do curso de História na Universidade de Passo Fundo - UPF, Passo Fundo. Bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. 188479@upf.br

A temática abordada foi a cultura Hip Hop (que engloba três movimentos dentro de si: o Grafite, o Rap e as Danças Urbanas) uma vez que faz parte da cultura urbana, um dos conceitos primordiais no currículo de Artes do primeiro ano. A etapa seguinte foi a execução do planejamento a partir de intervenções realizadas pelos bolsistas. Em primeiro momento, foram explicadas as raízes históricas que contribuíram para o surgimento do movimento Hip Hop, após isso, foram trabalhados o Rap, as Danças Urbanas e o Grafite, consecutivamente, totalizando um total de 5 aulas. Cabe a esse texto descrever e analisar como procedeu-se a intervenção com enfoque na História e na Dança.

Para que se possa compreender a experiência de forma mais ampla, é necessário explicar as características dos estudantes, que verifica-se por uma turma com 16 alunos entre 14 e 17 anos. De forma geral, os estudantes demonstravam pouco repertório crítico acerca dos conhecimentos trabalhados em sala de aula, apresentando dificuldade em participar das aulas e tornando-se apáticos.

Nesse sentido, a aula destinada à explicação e discussão sobre Danças Urbanas foi pensada de modo que os adolescentes pudessem relacionar a movimentação e a criação desse estilo de dança enquanto um resultado das influências das diversas dimensões da sociedade, expressando a complexidade na forma como a cultura se organiza. Aliado a isso, tornou-se importante desenvolver os aspectos da Lei 10639/03 e a importância da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

De início, foram apresentados slides contendo informações sobre o surgimento das Danças Urbanas, que estão atreladas diretamente com as condições as quais as pessoas que viviam nas periferias estadunidenses, especialmente no bairro do Bronx, durante os anos 1960 e 1970. Sendo assim, um diálogo sobre como todos os elementos do Hip Hop foram se originando de forma integrada possibilitou a compreensão de que, assim como a realidade, a cultura e a História requerem um pensamento abrangente que seja capaz de compreender a complexidade do real. Não apenas isso, mas também houve um trabalho em cima da discussão sobre essas manifestações artísticas enquanto contracultura e expressão da resistência jovem negra e latina frente ao racismo e à exclusão na sociedade.

Em seguida, foram analisados vídeos desse tipo de dança, o que permitiu que pensassem nas expressões e movimentações presentes nessa cultura. Para que compreendessem os movimentos de forma aprofundada, foi pedido que os adolescentes organizassem a sala de modo que não tivesse nenhuma classe no meio do espaço, possibilitando a última etapa da intervenção: fazer eles sentirem a movimentação das Danças Urbanas nos próprios corpos. Sendo assim, músicas relevantes no Hip Hop foram transmitidas por uma caixa de som e uma sequência coreografada foi ensinada. O objetivo não era executar os passos com excelência, mas que compreendessem suas movimentação corporais e a intenção dos movimentos dentro da cultura trabalhada. Para finalizar, foi feita uma “batalha de dança” entre os estudantes e bolsistas, para que pudessem se expressar na dança em estilo livre.

Ainda que na parte teórica os estudantes apresentaram pouca participação, o momento seguinte foi repleto de interações positivas, o que evidencia que variar diferentes abordagens dentro de sala de aula torna-se essencial de modo que a relação entre professor e aluno seja edificante.

Considerações finais

A vivência de tal prática com os adolescentes do primeiro ano do ensino médio certamente foi de grande importância, uma vez que auxilia no processo de formação docente, principalmente no que refere-se lidar com as possibilidades e as adversidades de cada turma, habilidade de suma relevância aos professores.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

COSTA, Sara Maria Guimarães Maia da. O Papel da Dança na (Sub)Cultura Hip Hop. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, 2008.

SANTOS, Rosenverck Estrela. A História do Hip Hop: Resistência da juventude negra no contexto neoliberal. Revista Cultura Crítica, São Paulo, 2011.

VALLE, Flavia Pilla; ZANCAN, Rubiane Falkenberg. Dança na Escola...Pra quê?
Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, 2023.